

Boletim Informativo

Conheça a história de cinco mães pra lá de especiais

No próximo domingo (12/05), comemoramos uma data muito especial: o Dia das Mães. Por isso, essa edição do Boletim Informativo da Secretaria Municipal de Segurança Urbana homenageará algumas mulheres, que representam todas as mães da Guarda Civil Metropolitana. São elas: Geni Maria de Freitas, Iara Capelato Pires de Oliveira, Laura Abdalla Duarte Serrano, Margarete de Fátima Passarini e Susi Leslei de Freitas, selecionadas por seus respectivos Comandantes.

“Mãezona”

Laura Serrano, de 54 anos, é GCMF desde 1997. Hoje, ela trabalha na Inspetoria Regional de Pirituba Jaraguá, mas também já passou pelo Centro de Formação em Segurança Urbana, pelo Comando Operacional Oeste-Centro e pelo Comando Operacional Noroeste, que na época, unia o Norte e o Oeste.

Em 1980, ela se casou e teve três filhos: Maurício, Alexandre e Luciano. O casamento durou anos e se estendeu até 2008, quando eles se separaram. Mas o destino ainda iria uní-los novamente. Em primeiro de fevereiro de 2011, o filho mais novo do casal, Luciano, faleceu. Com a dor da perda e a saúde do ex-marido abalada, eles voltaram a morar juntos. *“Falar que eu acho justo o que aconteceu comigo não é verdade. Mas Deus achou que eu tinha que passar por isso. Então eu sobrevivi. Nunca vai ser fácil pra mim, mas procurei não alimentar essa tristeza”,* conta Laura.

Os filhos de Laura sempre sentiram orgulho da profissão da mãe. *“Eles estudaram em escola municipal, onde há atuação da GCM. Sempre que viam um guarda, eles diziam: ‘minha mãe também é guarda’. Eles tinham prazer em me apresentar”,* lembra.

Juntamente ao orgulho da profissão da mãe, também havia a preocupação com a segurança dela. *“Há muito tempo atrás, os celulares eram muito caros. Era difícil encontrar uma pessoa que tinha. Mas eles se viraram para*



comprar um. Eles queriam ter certeza de onde eu estava e se eu estava bem”.

Para Laura, ser mãe é *“ter a certeza de que quando você for embora deixará um legado, valores morais, de caráter e de decência”.* E o melhor presente que ela pode ganhar no Dia das Mães é esse Boletim. *“Não tem preço ser homenageada dessa forma. Ser reconhecida é o que eu busquei a minha vida inteira”.*

E ela ainda revela um projeto futuro: *“Eu ainda vou realizar o sonho de ser mãe de uma menina. Pretendo adotar em breve. Vai ser uma peruinha igual a mim (risos)”.*

“Filha-mãe”

Geni Maria de Freitas é viúva, 53 anos, 26 deles na GCM. Ela conta que irá se aposentar em agosto desse ano, após 33 anos de trabalho, contando o tempo em que trabalhou como tecelã. Atualmente trabalha na Inspetoria Regional de Itaquera, mas já trabalhou na Inspetoria sede da Prefeitura, antiga IGP e em Guaianases, onde viveu sua experiência mais marcante na GCM.

Ela lembra que há muitos anos uma mulher chegou à Inspetoria pedindo ajuda, pois estava sentindo muitas dores, porém não houve tempo sequer de colocá-la na viatura. Ela teve o filho ali mesmo, na entrada da Unidade. *“Depois que a criança nasceu, eu tirei minha camisa e minha*

blusa e enrolei o bebê, foi muito emocionante”, disse Geni.

Mãe de 2 filhos, Rodrigo, 29 e Caroline, 24, Geni também já é avó de 3 netinhos, Vitor, 12, Fernando, 11 e Maria Fernanda, 3. Há 6 meses Rodrigo e seus 3 filhos mudaram-se para o Piauí. *“A Maria Fernanda sempre me liga perguntando: ‘vovó, vem me buscar para passear na sua casa?’; é difícil tê-los longe, mas eles estão bem e isso me conforta”.*

Atualmente ela mora apenas com Caroline e diz que os papéis de mãe e filha andam invertidos: *“ela é muito responsável, está no último ano da faculdade de enfermagem, é uma guerreira, não falta ao trabalho, não se atrasa, nesse*



ponto é igualzinha a mim. Mas às vezes eu saio, vou para o forró e se chegou um pouquinho mais tarde levo bronca: 'onde você estava, mãe?' (risos) aí eu falo para ela: você é a mãe e eu sou a filha" (risos).

Geni conta que no início da carreira, quando os filhos eram pequenos, enfrentou algumas dificuldades por conta dos horários irregulares, mas que nunca deixou de trabalhar por isso e que essas dificuldades foram até um pouco acentuadas devido à sua personalidade: "sempre cuidei da minha casa, sou detalhista, gosto das minhas coisas todas certinhas. Por exemplo, se eu colocar uma caneta aqui na mesa e você virá-la eu vou saber. Eu sou chata". (risos)

Pensativa sobre o que é ser mãe Geni diz: "ser mãe pra mim é tudo. Eu sou mãezona, eles são tudo pra mim, foram a melhor coisa que aconteceu na minha vida, são com certeza a razão da minha vida. A Caroline é minha melhor amiga, eu não saio de casa sem dar um beijo nela e sem falar que a amo", completa.

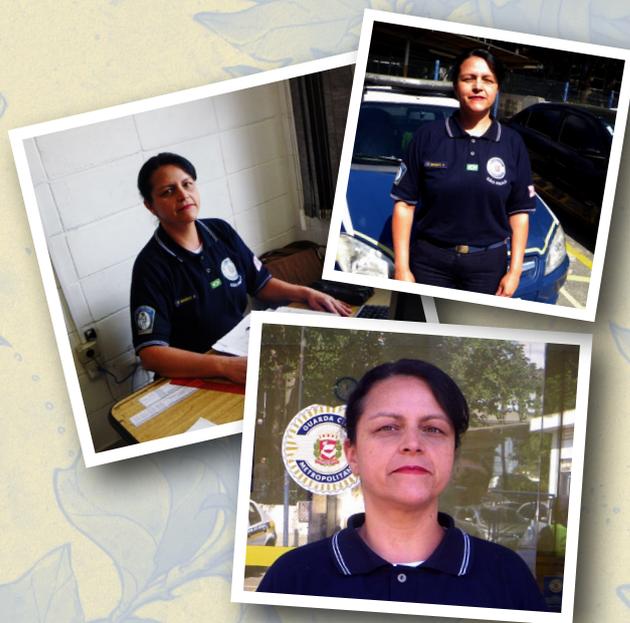
"Mãe orgulhosa"

A Classe Distinta Margarete de Fátima Passarini, casada, 49 anos, há 25 na GCM, trabalha atualmente no Comando Operacional Oeste-Centro. Ela lembra que quando trabalhava na Inspetoria Regional de Pirituba, há cerca de 15 anos, um dia iniciava a jornada de serviço, logo cedo, por volta das 7 da manhã, quando uma pessoa pedindo ajuda disse que haviam abandonado um recém nascido em um terreno próximo dali. "Nós fomos imediatamente para lá, quando chegamos encontramos um bebê ainda com a placenta e o cordão umbilical. Eu o peguei no colo, ele estava gelado, o enroli em alguns panos e fomos para o Pronto-Socorro, ele estava sujo, com grama nas mãos, mas, graças a Deus, sobreviveu, isso me tocou muito", conta Margarete.

Ela é mãe de Maiara, 19, sua filha única. "Mesmo com todas as dificuldades que tivemos, com os horários de trabalho irregulares, algumas vezes ela precisava ficar até 2 horas a mais na creche, por causa de ocorrências, mas mesmo assim pudemos educá-la bem e hoje ela é estudante de engenharia na Universidade Federal de São Carlos", conta a mãe orgulhosa. "Ela foi aprovada na USP, na PUC e no Mackenzie, mas preferiu a UFSCar", completa.

Mesmo assim as dificuldades e a luta permanecem. Como o curso é em período integral, quem arca com todos os custos são os pais. "Sou muito grata ao meu trabalho, pois com o que ganho eu pago a alimentação dela, seus livros e o lugar que ela mora. Eu faço o máximo que posso por ela e não vejo isso como sacrifício ou gasto, eu estou investindo no futuro dela".

Margarete conta que decidiu cuidar bem de sua única filha, mas tinha o sonho de ter uma casa grande e lotada de filhos, as crianças subindo e descendo as escadas correndo, a



mesa cheia, "igualzinho a filme" (risos), porém as condições financeiras não permitiram isso. Ela diz que não se arrepende, pois fez a escolha certa e está muito feliz.

A Classe Distinta diz que não é fácil ser mãe: "sou mãe, dona de casa e Guarda 24 horas. Lavo, passo e cozinho, isso é muito difícil. Na próxima encarnação quero nascer homem", brinca. "Ser mãe é maravilhoso, é dar a vida a outro ser. É bom, mas é difícil" (risos).

"Mãe coruja"

Susi Leslei de Freitas, divorciada, 46 anos, 27 na GCM, trabalha atualmente na Inspetoria Regional Sé/República, mas já trabalhou também em Campo Limpo e Santana.

Ela é mãe do Dennis Yugo, 20 anos de idade. Esse mocinho,

como carinhosamente se refere a ele, é seu maior orgulho. Último anista do curso de fisioterapia, Dennis é o melhor amigo de Susi. "Ele é extremamente carinhoso, muito centrado em tudo que faz. As vezes preciso mandá-lo sair de casa para passear um pouco, mas ele me diz: 'eu queria

ficar com a senhora' (risos), aí ele sai, mas em 2 horas já está de volta. Eu sei que ele sai só para me agradecer mesmo (risos). Ele me diz que tem espírito de velho, mas na verdade ele é muito responsável".

Ela conta que foi difícil conciliar o trabalho com a criação de Dennis: "já trabalhei em todos os horários imagináveis, quando havia operação contra o comércio ilegal eu chegava em casa exausta, mas ele me sorria cheio de energia, dá para imaginar isso? (risos) então eu brincava com ele até minha última gota de energia. Durante um tempo eu trabalhei à noite e quando chegava em casa ele acordava. Eu só conseguia dormir quando ele cochilava. Mas tive muita sorte, eu tive muita ajuda da minha irmã nesses períodos, sou muito grata a ela". Susi lembra que algumas vezes teve que levar Dennis às reuniões que ocorriam: "enquanto a reunião estava acontecendo eu amamentava" (risos).

Susi diz que a experiência de ser Guarda Civil a ajudou muito na tarefa de ser mãe. "Eu converso muito com ele sobre as experiências que tive nesses anos todos, das coisas que vi. Sobre como algumas atitudes transformam as vidas das pessoas. E ele capta muito as coisas, acho que até por isso ele é muito consciente"

Alguns fatos marcaram a carreira de Susi. Entre eles lembra-se do tempo em que trabalhou no hospital Menino Jesus, especializado em tratamento infantil. "O Dennis tinha 2 anos e eu fui trabalhar lá. Às vezes ouvia os gritos das crianças e pensava



que alguém poderia estar maltratando elas, mas não, eram as dores de algumas doenças incuráveis. Uma vez uma criança apertou minha mão muito forte e me disse: 'me deixa morrer', aquilo me destruiu. Eu posso até me fazer de durona, de rígida, mas ocorrência com criança me desmancha".

Para ela, a maternidade fez com que sua vida mudasse. "Filho para mim é vida e minha vida é meu filho. Até hoje, enquanto ele está comendo eu fico olhando para ele e o admirando". (risos)

"Mãe de coração"

A GCMF Iara de Oliveira, 48 anos, trabalha atualmente na Inspetoria Regional de Campo Limpo, mas já passou também pela IR - Santo Amaro. A história dela é bem diferente das demais, porque, ao contrário das outras, nunca pensou em se casar e muito menos ter filhos. "Sempre quis ser independente. Pensava que não tinha nascido pra isso", conta.

Porém, o destino lhe trouxe dois grandes presentes: Larissa Santos de Oliveira e Lucas Santos de Oliveira, ambos filhos do seu marido. Quando as crianças ainda eram pequenas, passaram por uma grande perda: o falecimento da mãe. Por conta disso e pela ocupação do pai, que é ex-GCM e se dedicava integralmente ao trabalho, uma das crianças foi morar com a avó e a outra com a tia. "Quando nós começamos a namorar e decidimos morar juntos, eu já o avisei: 'pode ir lá buscar seus filhos, porque eles são a sua família e nós temos que ficar juntos. Vamos começar o nosso lar'. Foi uma decisão pensada e ponderada. Conversei muito com a minha mãe, que também modificou a vida dela pra me ajudar", lembra Iara.

Algum tempo mais tarde, o marido de Iara teve que se ausentar por 12 anos, e a criação de seus filhos ficou integralmente com ela, que é chamada carinhosamente de Tia-Mãe Iara. "Eles cresceram sabendo a verdade. É um amor muito concreto e verdadeiro. Se o meu marido não tivesse que se afastar, talvez não tivesse dado tão certo como deu. Hoje meus filhos são a minha cópia fiel. Eles sabem o que eu quero

só no meu olhar. Até tem um ciúmes por parte do meu marido. (risos)".

Quando perguntada sobre o que é ser mãe, Iara afirma: "Dar o melhor de si. Mais receber do que dar". E o melhor presente? "Que a vida continue sendo abençoada como sempre foi".

